



A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E AS NOVAS TECNOLOGIAS, MOVIMENTOS E POSSIBILIDADES

Lânderson Antória Barros

landerson-barros@hotmail.com¹

Christiano Corrêa Teixeira

christiano.teixeira@ufrgs.br²

Resumo

A sociedade sofreu inúmeras transformações na metade do século XX até os dias de hoje, logo, o processo de globalização vem revolucionando as formas de comunicação e interação no mundo. Aliado a esses processos, a contemporaneidade da educação exige cada vez mais novas práticas pedagógicas que estejam alicerçadas nas transformações constantes da sociedade atual. Entretanto, nem sempre esta realidade é compartilhada por professores no processo de ensino aprendizagem. Diante dos aspectos observados, esse ensaio visa problematizar algumas possibilidades e incertezas presentes a partir da pós modernidade e da utilização de Novas Tecnologias de Ensino de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Novas Tecnologias de Informação e Comunicação; Complexidade.

INTRODUÇÃO

A tecnologia avançou nas últimas décadas. Podemos dizer que o processo de globalização alterou completamente a nossa relação com o mundo, encurtando distâncias e ampliando as formas de disseminar o conhecimento, estabelecendo simultaneidades espaço temporais. Em paralelo a esse processo, ainda percebemos que esses avanços na ciência e na tecnologia ainda não estão distribuídos de forma uniforme.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Texto resultante das discussões iniciais realizadas durante pesquisa de doutorado financiada pela CAPES.

² Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor da Educação Básica em Porto Alegre – RS.

O processo de ensino e aprendizagem nas escolas não se difere muito, pois podemos perceber diferenças latentes na qualidade e na disponibilidade de recursos entre escolas de um mesmo município. Esse momento vivenciado pelo mundo contemporâneo demonstra a relação de complexidade existente por intermédio da velocidade da ampliação do conjunto de técnicas que modificaram e seguem modificando a disponibilização e circulação de serviços e de capital.

Santos (2002) compreende as técnicas como um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais os sujeitos tencionam as suas vidas, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço.

Com base na contribuição de Santos (2002), o conjunto de técnicas que nos referimos está diretamente relacionada às tecnologias da informação e comunicação, as quais, nos últimos anos, estão sendo cada vez mais incorporadas à dinâmica da sociedade atual.

A ampliação desses fluxos de comunicação das informações acabou causando uma revolução na comunicação mundial, alterando as esferas de produção social e as relações contemporâneas. Harvey (2001, p. 220) comenta que a clara aceleração tecnológica, do século passado aos dias atuais, está alterando a concepção materialista do espaço, a partir de uma queima do espaço e da experiência de um tempo intensificado.

Diante desse dinamismo, podemos perceber o surgimento e o fortalecimento do ciberespaço, termo criado por William Gibson no ano de 1984 na sua obra de ficção científica intitulada *Neuromancer*. Tancmán (2002, p. 50) aponta que Gibson percebeu o ciberespaço como um espaço não físico ou territorial no qual uma alucinação consensual pode ser experimentada diariamente pelos usuários.

De forma a contribuir para a compreensão do ciberespaço, Lévy (1999, p. 92) conceitua o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.

O ciberespaço, nesse momento textual, pode ser entendido como a decorrência de uma rede técnica a partir de novas relações sociais. O seu surgimento e ampliação não está ligado somente a um fenômeno tecnológico, mas também social porque dialogam e respondem às diferentes dinâmicas existentes na sociedade atual a partir de uma resignificação das ações e relações socioespaciais. Assim, surge uma questão que faz parte das nossas preocupações: o



ciberespaço é também geográfico ou não? Nós, neste momento, entendemos que sim, ele faz parte do que entendemos por espaço geográfico, no entanto deve ser entendido em outra estância de abstração e numa complexidade de escala.

Destacamos a importância da compreensão das diferentes escalas espaciais, desde o local ao global. Diante desse processo de globalização, ficamos, cada vez mais, impossibilitados de compreender e analisar estes recortes a partir de alguma hierarquia. Afinal, tais escalas interagem através de um movimento de complemento se articulando buscando a potencialização de seus processos.

Haja visto que diferentemente do que alguns estudiosos afirmavam, podemos perceber que a escala local não perdeu a sua importância após a proliferação das novas tecnologias de informação. Ao se debruçar sobre esse tema, Pires (2001, p. 158) afirma que com a dispersão das atividades econômicas, as cidades adquiriram novas formas de composição do capital e de centralização territorial, associadas aos novos arranjos de gerenciamento e comando operacional dessas atividades em escala planetária.

As formas de trabalho e de composição do capital, nesse sentido, acabaram acompanhando esse processo, utilizando o “mundo” virtual como noções primordiais para a sua transformação. Em compasso a esse movimento, as manifestações culturais apoiam-se desses novos elementos e acabam criando e recriando novos grupos que compartilham de pensamentos semelhantes mesmo que em grandes distâncias. O espaço vivido passa a ser considerado também no seu extrato imaterial, tendo em vista a complexidade de relações estabelecidas no ciberespaço.

Os elementos citados recaem sobre a educação e a torna complexa, pois a educação deve estar em sintonia com a sociedade através de uma relação recíproca diante da realidade. Ao dedicarmos nossos estudos sobre a questão da educação, é possível percebermos que tal já possui diferentes problemáticas desde a criação de mão de obra qualificada até manter os níveis quantitativos de performance. Ainda existe pressão de acompanhar alguns padrões globais de ensino integrando de forma minimalista as tecnologias no ambiente escolar.

Diante dessas elucidações, que são provisórias, precisamos tomar a dúvida e a incerteza para compreendermos se as novas tecnologias podem auxiliar de fato ou não a construção de um ensino de Geografia com mais sentido.

NOVAS TECNOLOGIAS E ENSINO DE GEOGRAFIA, QUAL O SENTIDO?

O avanço da tecnologia nas últimas décadas propiciou e continua propiciando mudanças na sociedade. Apesar de estarmos vivenciando um processo de globalização, a escola da rede pública, muitas vezes, sofre com problemas estruturais, fazendo pouco uso dos inúmeros recursos que a globalização proporciona.

O educador possui um importante papel de despertar uma postura investigativa dos alunos perante às mudanças ocorridas na sociedade, não devendo simplesmente aceitar e estar “entregues” e “disponíveis” ao que nos é dado. É necessário buscar uma visão crítica para compreender estes meios e utilizá-los da melhor forma possível, reduzindo distâncias e ampliando os saberes através de uma educação provocadora, despertando inquietação e curiosidade dos nossos alunos.

Ao longo dos tempos, diferentes tecnologias foram sendo inseridas no processo educativo e integrando o mesmo até a formação do que visualizamos atualmente. De uma forma geral e sucinta, podemos considerar três principais tecnologias que marcaram as “eras” educacionais conforme destaca Gabriel (2013, p. 105) a fala (linguagem oral), o livro (linguagem escrita) e a internet (tecnologias digitais).

Apesar de pensadores, como Pires (2009) e Levy (1999) afirmarem que estamos vivendo a “era da informação”, onde a informação se tornou uma moeda de troca muito valiosa, é preciso identificar que tal vem se transformando gradativamente, pois, de certo modo, a informação está sendo difundida em uma velocidade muito grande. Contudo, é de extrema importância que os educadores e alunos consigam acessar essa informação de forma inteligível.

A união da prática de ensino à tecnologia é o grande desafio do profissional docente contemporâneo. Esse processo trará não só a tecnologia para as salas de aula, como também intermediará a capacitação e inclusão dos docentes que já estão na rede de ensino, auxiliando-os neste movimento de inclusão digital.

Estamos presenciando uma gama enorme de transformações na sociedade atual, as novas tecnologias de informação e comunicação emergem cada vez mais adentrando setores e atividades e alterando-as, fazendo com que tais sejam algumas vezes reinventadas ou reinterpretadas a partir da situação atual.



Sobre essa temática, Harvey (2001, p. 258), em sua obra *Condição Pós-Moderna*, comenta sobre a acentuação da volatilidade e efemeridade de diferentes elementos da sociedade, afirmando que a sensação de que tudo o que é sólido se desmancha no ar, raramente foi mais perversa. Diante desse panorama, podemos perceber que as noções de tempo e espaço que temos estão sendo intensamente impactadas. As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação constroem e reconstroem novos ambientes com diferentes aspectos e apresentando conflitos na (i) materialidade, pois um mesmo sujeito pode estar em diferentes espaços em um mesmo período.

Santos (2002) ao tratar desse contexto revela a inconstância nos valores do espaço, tanto pela renovação incessante dos produtos, como pela incorporação de novos materiais e novos métodos. O autor ainda destaca que o estágio tecnológico que estamos inseridos denominado por ele de meio técnico-científico-informacional em conjunto com o avanço das redes tecnológicas colaborou para firmar o sentido de totalidade ao lugar.

Ainda nas palavras de Santos (2002, p. 181):

O mundo aparece como primeira totalidade, empiricizada por intermédio das redes. É a grande novidade do nosso tempo, essa produção de uma totalidade não apenas concreta, mas, também, empírica. A segunda totalidade é o território, um país e um Estado - uma formação socioespacial -, totalidade resultante de um contrato e limitada por fronteiras. Mas a mundialização das redes enfraquece as fronteiras e compromete o contrato, esmo se ainda restam aos Estados num e rosas formas de regulação e controle das redes. O lugar é a terceira totalidade, onde fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta, graças a ocorrência, na contiguidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário, que é fruto da diversidade e num acontecer repetitivo, que não exclui a surpresa. As redes são um veículo de um movimento dialético que, de uma parte, ao Mundo opõe o território e o lugar; e, de outra parte, confronta o lugar ao território tomado como um todo.

Sobre essas afirmativas, Pires (2009, p.8) reitera que Milton Santos apontou para necessidade de se estudar a Geografia das Redes. Para cumprir esta meta teórica de desenvolver os fundamentos de uma crítica a Geografia Crítica, tornava-se necessário introduzir o tema do ciberespaço e da internet na Geografia contemporânea.

Diante dos aspectos elencados podemos notar a existência de uma ligação direta que amplia a possibilidade de horizontes para o lugar e determina de certo modo a manifestação do global no local.

Ainda sobre tais questões Carlos (2007, p.21) afirma que as comunicações diminuem as distâncias tornando o fluxo de informações contínuo e ininterrupto; com isso, cada vez mais o local se constitui na sua relação com o mundial.

Esses aspectos possibilitam que o contexto de lugar passe por uma (re)estruturação, conforme Carlos (2007, p.21) destaca pelo seu estabelecimento e/ou aprofundamento de suas relações numa rede de lugares.

Podemos identificar que o momento de entrada desses novos mecanismos tecnológicos no sistema de produção capitalista foi marcado na década de 1970, sendo que estes possibilitaram a transição gradual da lógica de produção que antes era conhecida pelo Fordismo e Taylorismo passando para o que denominamos de Acumulação Flexível. Castells (2001, p. 64) afirma que esse foi um momento de divisão tecnológica.

Nos anos seguintes, com a redução nos custos dos produtos computacionais e da ampliação de novas redes tecnológicas de uso tanto empresarial como civil, podemos perceber um crescimento acentuado na utilização desses recursos principalmente a partir de meados da década de 1990. Esse crescimento na utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação ampliou e consolidou o ciberespaço.

Ao pesquisarmos sobre esse tema percebemos que alguns autores tratam o ciberespaço como um movimento social. Nas palavras de Levy (1999, p. 123):

A emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes.

As novas tecnologias da informação e da comunicação adentraram a sociedade atual provocando imensas transformações, modificando todo sistema produtivo e (re) criando espaços. Assim, ampliando as possibilidades da interatividade e aprimorando os processos criativos através da perspectiva de espaços de produção coletiva.

Essa nova realidade que está posta exige um novo papel dos educadores, pois o educador passa a ser entendido como não mais aquele que simplesmente sabe o conteúdo, mas ele é o sujeito que apresenta as inovações, orienta e socializa novas descobertas para a sala de aula. Conforme Kenski (2002 p. 102) elucida: “(...) o professor quando ensina não apresenta



apenas a informação, ele seduz com a informação”. O que é seduzir com a informação? Será que é transformá-la em conhecimento?

É possível inferir a partir de diferentes aspectos que a educação parece perpassar uma crise na atual sociedade da informação, são inúmeros indícios que precisamos enfrentar alguns de nossos problemas antigos que ainda não foram superados para tentar suportar os novos desafios que estão sendo impostos constantemente pela sociedade.

Callai (1995 p. 13), há certo tempo, afirma a importância da formação de profissionais criativos e sintonizados com as necessidades sociais e com os avanços tecnológicos atuais.

Dentro dessa perspectiva, torna-se importante refletir acerca do Ensino de Geografia e sua importância.

Castrogiovanni (2007 p. 44) destaca:

Muitos ainda acreditam que a geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nomes de rios, regiões, países, altitudes, etc. Nesta primeira década do século XXI, a geografia, mais do que nunca, coloca os seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também com uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões. Ela preocupa-se com as inquietações do mundo atual, buscando compreender a complexidade da forma como ocorre a ordem e a desordem no planeta. Na realidade, ela é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos.

É fundamental a formação constante dos educadores, em especial da Geografia, pois estes devem estar atentos para as transformações que ocorrem em uma velocidade cada vez mais alta. Neste sentido, é possível observarmos que a formação dos professores de Geografia perpassa o desafio da utilização das novas tecnologias de informação e comunicação no processo de (re) produção do conhecimento geográfico.

A problemática atual apresenta aos educadores o desafio de ultrapassar o mero compromisso formal que estão habilitados a partir de sua titulação de licenciado. É imprescindível que nossa prática seja (re)criada constantemente acompanhando as mudanças da sociedade, portanto a (re)construção da autonomia profissional é importante.

Por vezes os sujeitos iniciam seus estudos acreditando que a universidade será capaz de “formatá-los” para o mercado de trabalho, apresentando uma “fórmula” pronta para aplicação.

A prática docente, entretanto, nos demonstra diariamente que o processo de ensino aprendizagem tem que ser constantemente (re)inventado a partir do contexto que estamos inseridos. É necessário ultrapassar os limites impostos pelo conteudismo e currículo, avançando sobre o processo estático.

O movimento de ensinar-aprender-ensinar aprendendo deve procurar o dinamismo através de uma superação constante. Esse elemento relacionado a superação pode ser aliado as novas tecnologias de informação e comunicação auxiliando nesse processo fornecendo subsídio para que os educadores possam ampliar sua interface.

Gabriel (2013) em sua obra “Educ@r: a revolução digital na educação” define a existência de dois tipos de professores na atualidade o professor-conteúdo e o professor-interface.

Ainda sobre esse tema Gabriel (2013. p. 111) ressalta:

O professor-conteúdo funciona como uma janela pré-programada pela qual os alunos veem o mundo limitado, enquanto o professor-interface funciona como uma porta, que, apesar de estar fixa e limitado no mesmo lugar, abre-se aos alunos para que a atravessem e atinjam o mundo sem limitação.

Apesar da dualidade posta por Gabriel, percebemos outros tantos “tipos” de professores, contudo, torna-se evidente que uma docência baseada única e exclusivamente no conteudismo não dá conta de explicar os fenômenos atuais, o mundo não comporta mais esse modelo, precisamos ir além.

As Novas Tecnologias de Comunicação e Informação apresentam-se como uma grande ferramenta para a educação geográfica, entretanto elas tão somente por si só não solucionam todos os nossos problemas. Precisamos ir além de apenas inseri-las no ambiente escolar, o debate acerca de quais as intencionalidades presentes nesse discurso precisa ser amplo e profundo.

DA CRISE A METAMORFOSE

Dar conta dos desafios postos atualmente é uma tarefa árdua para os professores devido à grande complexidade dos fenômenos contemporâneos. Uma das primeiras coisas que



devemos clarificar na nossa mente é a necessidade se sairmos da nossa “zona de conforto disciplinar”, percebendo que nossa lente precisa ser ampliada pois o escopo da pós modernidade não nos permite mais um olhar fechado dos fenômenos.

Nos dias atuais, podemos identificar uma falência generalizada nas explicações de diversos fenômenos, uma crise que se fundamenta nas explicações totalizadoras, contudo precisamos ter cuidado com a crítica ao cartesianismo e as explicações unilaterais. Por vezes, gera-se um modismo que “ataca” as ideias sem uma proposição, esse é um risco que corremos e que é constantemente visto no ambiente acadêmico.

Diante desse emaranhado que se forma na modernidade, é necessário compreender o sentido último ou o sentido oculto presente nos discursos e práticas, com o intuito de recusar elucidações unilaterais e totalizadoras. Sendo assim, como realizar a nossa desconstrução e reconstrução em sistemas abertos, fugindo de certo modo dos “sistemas fechados”?

Como já visto anteriormente, é inegável o avanço assinalado pela utilização das Novas Tecnologias na sociedade atual, a escola precisa estar preparada para lidar com essa problemática de forma a compreender quem é esse aluno contemporâneo e de que forma ele está inserido no meio de todos esses “recursos”.

O pensamento moderno é marcado por uma disjunção, como nos aponta Morin (2011), essa bipolaridade auxilia uma compreensão reducionista que conduziram à incapacidade de reconhecer e de conceber o complexo (os aspectos múltiplos e opostos de um mesmo fenômeno), à incapacidade de tratar o fundamental e o global, ou seja, de tratar os problemas vitais e mortais de cada um e de todos.”

O autor destaca que as ciências produziram ganhos prodigiosos de conhecimento que, no entanto, se traduzem em ganhos de ignorância: incapacidade de contextualizar, de religar o que está separado, impossibilidade de compreender os fenômenos globais planetários.

Apesar de presenciarmos diversos avanços produzidos pelo “progresso” científico, Morin está nos alertando para a fragmentação causada pela hiperespecialização, que acaba, por vezes, promovendo a ignorância, descontextualizando os fenômenos.

Na seara da Geografia Escolar, percebemos a redução da produção e a reprodução de receituários, isto é, práticas pré-programadas, fundadas em uma razão científica “dura”, constituída a partir de uma hegemonia do discurso cristalizado ao longo do tempo.

Tais práticas caminham junto com a crise da modernidade corroborando o discurso em uma dicotomia de velho e novo, atrasado e evoluído, que Latour (1994) já apontava para a dupla potência entre racional e irracional. Tal aproximação da disjunção reducionista, destacada por Morin (2011), rompe o complexo do mundo em fragmentos, fracionando os problemas e separando o que está ligado.

Diante desses elementos, torna-se essencial o professor ter compreensão total da sua construção epistemológica de educação e Geografia, pois tais irão sustentar a sua prática pedagógica e auxiliarão na sua (re)formação do pensamento.

Essa tomada de consciência também não se faz sozinha, é preciso que o mesmo perceba os alicerces dos discursos que são difundidos nas suas falas, que pouco a pouco foi se forjando na sua construção enquanto educador.

Neste sentido, Batista (2017) em sua tese aponta uma *ordem do discurso geoescolar*, tal conceito refere-se à rede de objetos, enunciados e estratégias que vem fazendo do ensino da Geografia uma prática linguística estável que, da primeira metade do século XX em diante, comportou-se de um modo mais ou menos previsível.

O autor buscou compreender a partir de uma formação discursiva, fundada na arqueologia de Foucault, como se engendrou a hierarquia do discurso constituído nas práticas cotidianas na educação geográfica.

Batista; Castrogiovanni (2018, p. 229), apontam:

Ao pensarmos o ensino de Geografia como uma formação discursiva, teríamos que, sob a perspectiva da arqueologia foucaultiana, partirmos do pressuposto de que, nos seus sistemas de linguagem, leis são capitaneadas e coações exercidas, por intermédio de limites e fronteiras que controlam a disseminação dos discursos. Trata-se de um estado de policiamento linguístico, reconhecendo certas proposições como verdadeiras e outras como falsas. De fato, uma prática de interdição.



Ao buscar em Foucault as bases que constituíram aquilo que Batista (2017) chama de *ordem do discurso geoescolar*, o autor direta e indiretamente nos põe em alerta, demonstrando que a investigação de como se constituem os discursos serve para confrontarmos a história posta, com o objetivo de desconstruir e reconstruir novas perspectivas.

Nem sempre a busca de nossas respostas perpassa a desconstituição do passado, na aceitação do ideal contemporâneo é preciso ir mais longe. Afinal, o que existe para além das nossas lentes?

Morin (2011, p. 140-141) destaca:

Para reencontrar a “verdadeira realidade”, é necessário conhecer os riscos de erro e ilusão que todo conhecimento implica. Isso é uma banalidade, mas é preciso repeti-la sem cessar: todo conhecimento é uma tradução e uma reconstrução. É por isso que não existe conhecimento que seja um reflexo fotográfico da realidade. É claro que o conhecimento sob a forma de ideias e de teorias é uma tradução e uma reconstrução refinada, mas que pode sofrer de enormes ilusões e erros. Foi o que aconteceu no decorrer de toda a história humana.

Ao distanciar e aproximar o real e o ideal, possibilita-se o surgimento de uma lógica dialógica, propondo, assim, uma complementariedade que nos leva a navegar em um oceano de incertezas, com pequenas ilhas e arquipélagos de certezas, conforme o autor aponta.

A modernidade assinala para um caminho unitário que nos leva diretamente para o epicentro dessa crise homogeneizante. Entretanto, ao mesmo tempo nos permite algumas ferramentas para uma outra possibilidade. A complexidade proposta por Morin pode auxiliar nesse processo de religar o que está separado, compartimentado. O autor nos aponta a necessidade de buscar o contexto, a fim de sairmos do reducionismo existente no dogma atual.

É preciso romper a lógica da hiperespecialização, que visa a alta performance “cega”, nos remetendo a uma falsa racionalidade, unidimensional. Para isso, avançar no debate pensando o contexto e o complexo é necessário.

Diante disso, alguns questionamentos surgem: O que está por trás do discurso da utilização das Novas Tecnologias na educação Geografia? Será que a utilização desses recursos auxilia para a construção de um ensino de Geografia com mais sentido?

PARA NÃO CONCLUIR

Nosso objetivo nesse texto não foi de apresentar formulações fechadas, receituários prontos, mas sim problematizar algumas questões que permeiam o ambiente escolar atualmente. O objetivo foi trazer à tona o debate sobre Novas Tecnologias no ensino de Geografia e de como pode colaborar ou não para uma educação geográfica com mais sentido.

Ao abordamos esse tema, inúmeros questionamentos surgem. Através da apresentação de alguns deles ao longo do texto, sem a pretensão de responder, buscamos provocar, cutucar, desestabilizar o discurso arraigado de que com apenas a utilização dos novos recursos o ensino de Geografia será “salvo”, tão pouco esse deve ser deixado de lado.

Os desafios presentes na pós modernidade são inúmeros, de modo que precisamos, nesse momento, ter compreensão do terreno que estamos pisando, de que forma estão fundamentados nossos argumentos, onde eles estão alicerçados.

Diante dessa compartimentalização clara do sistema de ensino, como podemos avançar nas nossas pesquisas buscando complexificar nossas inquietações? A crise é sistemática e afeta a todos os setores da sociedade, diante disso muitas vezes apresenta-se a educação como a única saída para nossas mazelas, nosso sistema de ensino está preparado para ser a “solução”? Como poderíamos reconhecer e conceber o complexo nos processos educativos?

Esse panorama de incertezas que nos é apresentado surge como uma “outra” possibilidade. Mesmo diante de todos os problemas existentes o caminho da catástrofe pode apontar para uma metamorfose.

Contudo, é importante ressaltar que o papel do docente é de abrir as portas deixando os alunos atravessarem, sem limitações. As incertezas que aqui persistem devem ser utilizadas com sabedoria, pois a partir delas podem surgir novas possibilidades.

Esse processo exige que o professor saia de sua zona de conforto, de sua estabilidade a fim de construir e reconstruir constantemente a sua autoria durante a prática pedagógica.

Sigamos com as palavras de Morin (2011, p. 190), o futuro sempre comportará riscos, imprevistos, incertezas, mas também poderá comportar capacidades criadoras, desenvolvimento da compreensão e da bondade, nova consciência humana.



Que a incerteza presente na prática pedagógica dos professores possibilite a sua autoria cada vez mais necessária para a desconstrução da linearidade e das verdades absolutas. O caminho segue

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Bruno Nunes. **A ordem do discurso geoescolar**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, UFRGS. Porto Alegre, 2017.
- BATISTA, Bruno Nunes; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **A Geografia do Mal: um Arquivo a Sombra do Denuncismo**. Revista de Geografia (Recife), Recife. V. 35, n.1, 2018.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Ensino, complexidade e diversidade da vida nos fazeres geográficos. IN: REGO, Nelson; KAERCHER, Nestor André; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Orgs.). **Geografia vol. 2: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre. Penso, 2011.
- GABRIEL, Martha. **Educ@r: a revolução digital na educação**. 1. ed. São Paulo. Saraiva. 2013.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- KAERCHER, Nestor André. **Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a geografia crítica**. Porto Alegre. Evangraf, 2014.
- KENSKI, V. M. O papel do professor na sociedade digital. In A. D. Castro & A. M. P. Carvalho (Org.). **Ensinar a ensinar: Didática para a Escola Fundamental e Média**. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson Learning. 2002.
- LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica**. Rio de Janeiro. Editora 34, 1994.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade**. Rio de Janeiro. Bertrand do Brasil, 2011.
- PIRES, Hindenburgo Francisco. Ethos e mitos do pensamento único global totalitário. **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p. 153-167, 2001.



- PIRES, Hindenburgo Francisco. Reflexões sobre o Advento da cibergeografia ou o surgimento da geografia política do ciberespaço: contribuição a crítica à geografia crítica. In: **ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO**, 2, 2009, São Paulo.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.
- SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. 3ª ed. Porto Alegre. Sulina, 2012.
- TANCMAN, Michele. **A (Ciber) Geografia das Cidades Digitais**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2002.